

Campanha Nacional em Defesa do Cerrado: uma experiência que brota do chão e das águas dos sertões¹

Bruno Santiago Alface

da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado – Campo Grande – Mato Grosso
do Sul - Brasil
comunicerrado@gmail.com

Elvis Marques

da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado – Goiânia - Goiás – Brasil
elvisffmarques@gmail.com

Isolete Wichinieski

da Comissão Pastoral da Terra - Goiânia - Goiás – Brasil
isolete@cptnacional.org.br

Resumo: Este artigo trata-se de um relato de experiência sobre o trabalho da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado, formada por mais de 40 organizações sociais e tem atuação junto a comunidades tradicionais de mais de nove estados brasileiros. O objetivo do texto é apresentar a Campanha e suas ações de promoção da defesa da sociobiodiversidade do Cerrado. Para relatar essa experiência, foram realizados levantamentos de informações nas memórias dos encontros da Campanha, nos depoimentos das lideranças de comunidades e nas bibliografias pertinentes à temática. E nesse diálogo sobre a Campanha, evidencia-se que o desafio da proteção do território dos cerrados é tão grande quanto a sua própria extensão territorial e de riquezas. Que só é possível a conservação do Cerrado com a garantia dos direitos dos povos e comunidades tradicionais aos territórios, às águas e à soberania alimentar. E, por fim, fica evidente que os povos estão em constante luta pela defesa do Cerrado e contam com a força das mulheres e a coragem e ousadia da juventude.

Palavras chaves: Territórios. Povos e Comunidades Tradicionais. Cerrados.

“Mudarei o sertão em açude, terra seca em olho d’água. Assim falou o Senhor das andanças, para dar ao seu povo esperança”.
(Reginaldo Veloso e Penha Carpanedo).

Introdução

A Campanha Nacional em Defesa do Cerrado nasceu em 2016 em um contexto político e social bastante complexo para Brasil e para o Cerrado. No país, ocorreu o golpe

¹ Os autores agradecem a contribuição e sugestões de Valéria Pereira Santos.

que levou ao *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (PT) e a ascensão da extrema direita neocolonial ao poder Executivo. E no Cerrado desencadeou um profundo processo de exploração das terras e das águas, tornando a região a maior produtora de grãos de soja e milho, superando, em alguns estados, a pecuária intensiva.

E, de lá para cá, tanto a situação política quanto a situação fundiária e ambiental do Cerrado só se agravou. O agronegócio da soja continua avançando com toda sua engrenagem abrindo fronteiras agrícolas, levando no seu portfólio a especulação imobiliária, a velha tática da grilagem e concentração da terra, as máquinas sofisticadas e os agrotóxicos altamente poluentes. Com o agronegócio avança também a produção de eucalipto, a exploração de minérios e os projetos de logísticas, com as ferrovias, rodovias e portos. E, juntos, agronegócio e grandes empreendimentos, sem pedirem licença, invadem territórios tradicionais, se instalam nas chapadas e nos vales, transformando a rica biodiversidade e territórios de vidas em terras de negócio, monocultivos e minerodutos altamente dependentes de grandes quantidades de terras e águas. Esse modelo de desenvolvimento desagregador, estranho aos modos de vidas locais, deixa nos cerrados rastros de violências: expulsão das populações tradicionais, desmatamento, contaminação de fontes de água e empobrecimento das comunidades rurais e pequenos centros urbanos.

Mas para a luta em defesa dos povos tradicionais do Cerrado, a Campanha Nacional em Defesa do Cerrado chega no momento certo, em que as comunidades, organizações e movimentos precisavam somar esforços e se reinventarem nas estratégias de enfrentamento às velhas políticas oligárquicas que retomavam ao poder e ao controle de importantes áreas, como a dos veículos de comunicação de massa. A Campanha surge com uma proposta ousada de enfrentar esse monopólio da terra e da comunicação, dando visibilidade ao Cerrado e trazendo para o centro do diálogo e dos canais de comunicação os povos dos campos, das florestas e das águas e suas lutas: 1) Pautar e conscientizar a sociedade, a nível nacional e internacional, sobre a importância do Cerrado e os impactos dos grandes projetos do agronegócio, da mineração e de infraestrutura; 2) Dar visibilidade à realidade das Comunidades e Povos do Cerrado, como representantes da sociobiodiversidade, conhecedores e guardiões do patrimônio ecológico e cultural dessa região; 3) Fortalecer a Identidade dos Povos do Cerrado, envolvendo a população na defesa do bioma e na luta pelos seus direitos².

² Acesse <https://semcerrado.org.br/campanha/>.

Assim, o texto a seguir tem por objetivo apresentar a Campanha Nacional em Defesa do Cerrado e as suas ações de promoção da defesa da sociobiodiversidade do bioma. E para tecer esse diálogo foi necessário mergulhar nas memórias dos encontros da Campanha, nos depoimentos de lideranças das comunidades e nas bibliografias de pesquisadores do Cerrado.

Para tanto, esse é um diálogo que evidencia o desafio de realizar uma iniciativa tão robusta como a Campanha Nacional em Defesa do Cerrado. Pois, para alcançar seu propósito, a Campanha lança mão de várias frentes de ação, com alcance tão grande quanto a própria extensão territorial do Cerrado. E se posiciona politicamente pela conservação do bioma, com garantia dos direitos dos povos e comunidades tradicionais aos territórios, às águas e à soberania alimentar. E, por fim, fica evidente que os povos estão em constante luta pela defesa do Cerrado e contam com a força das mulheres e a coragem e a ousadia das juventudes.

Sem Cerrado, Sem Água, Sem Vida

A Campanha Nacional em Defesa do Cerrado nasce do processo de articulação³ da Comissão Pastoral da Terra (CPT) no Cerrado, uma ação que envolve nove regionais da organização. Iniciativa que desde 2011 anima e apoia as lutas na defesa do Cerrado, articulando povos, comunidades tradicionais e organizações parceiras, como as Pastorais Sociais do Campo, Movimentos Sociais do Campo e Organizações Não Governamentais (ongs). E foi nos encontros dos povos do Cerrado, nas romarias e nas visitas às comunidades que começou-se a sonhar e a desenhar nos chãos dos cerrados uma campanha com corpo cerratense: com o rosto e a cabeça dos povos negros e indígenas;

³ Organizações que compõem a Campanha Nacional em Defesa do Cerrado: Agência 10envolvimento; Associação de Advogados Trabalhadores Rurais do estado da Bahia (AATR); Actionaid; Articulação Nacional Quilombola (ANQ); Cáritas Brasileira; Centro de Estudos Bíblicos (CEBI); Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE); Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); Coletivo de Fundo e Fecho de Pastos da Bahia; Coordenação Nacional de Articulação de Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ); Conselho Missionário Indigenista (CIMI); Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura (CONTAG); Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP); Comissão Pastoral da Terra (CPT); Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE); Fórum Brasileiro de Segurança e Soberania Alimentar e Nutricional (FBSSAN); Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB); Movimento de Mulheres Camponesas (MMC); Via Campesina Brasil; Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN); Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo (GWATÁ); Organização pelo Direito Humano à Alimentação e à Nutrição (FIAN Brasil); Movimento dos Povos Indígenas do Cerrado (MOPIC); Movimento das Pescadoras e Pescadores Artesanais (MPP); Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA); Rede Brasileira de Mulheres Negras (REDE SAN); União das Aldeia Apinajé (PEMPXÁ); Rede de Agroecologia do Maranhão (RAMA); Rede Cerrado; Rede Social de Justiça; Associação Agroecológica Tijupá; Serviço Pastoral do Migrante (SPM); Alternativa para Pequena Agricultura do Tocantins (APA-TO) e GRAIN.

braços das organizações e pés firmes nos territórios. Uma campanha que pensa e atua a partir das diversidades dos povos e comunidades tradicionais, tendo as organizações aliadas como braços fortes e ouvidos a serviço das lutas e os pés fixados na história dos territórios, como as raízes profundas das árvores do Cerrado.

Esse sonho coletivo não demorou muito a se realizar. Em setembro de 2016 nasceu a Campanha Nacional em Defesa do Cerrado como um instrumento coletivo de lutas na defesa das águas e dos territórios dos povos. E se pôs a caminhar junto, buscando conhecer as experiências e as expertises das organizações comunitárias nas lutas territoriais e culturais. E para estar junto aos povos, a Campanha se constituiu como uma teia, formada por mais de 40 organizações, algumas dessas já tinham uma atuação histórica na defesa do Cerrado, outras, se engajaram a partir do surgimento dessa iniciativa.

A Campanha se organiza em três espaços: coordenação ampliada composta por representantes das organizações e comunidades; o Coletivo de Comunicação do Cerrado, formado por mais de 20 comunicadores que fazem parte das organizações da Campanha; e a Coordenação Executiva composta pelas organizações: Alternativa para a Pequena Agricultura do Tocantins (APA-TO); Comissão Pastoral da Terra (CPT); Associação de Advogados/as de Trabalhadores Rurais do Estado da Bahia (AATR); Conselho Indigenista Missionário (CIMI); Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE); ActionAid Brasil; e Via Campesina Brasil.

Outros braços que fortalecem as ações da Campanha nos territórios são a articulação das mulheres e dos jovens do Cerrado. As mulheres em suas diversas identidades afirmam: “Nós somos as guardiãs do Cerrado e dos saberes populares que herdamos de nossos e nossas ancestrais. Por toda nossa história, lutamos para que nossa cultura e modos de vida resistissem. Unidas na nossa diversidade, afirmamos aqui que o Cerrado brasileiro tem cara de mulher!”⁴ Os jovens, por sua vez, afirmam a importância da juventude na defesa do Cerrado e para a continuidade dos modos de vida nos territórios e reivindicam seus lugares de fala e espaços políticos: “Somos sujeitos políticos que querem ser ouvidos pelos movimentos e organizações sociais como uma força política consciente de que projeto de Cerrado brasileiro queremos construir, e que

⁴ Trecho da Carta do I Encontro das Mulheres do Cerrado, realizado em junho de 2019, em Luziânia-GO: Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/articulacao-cpt-s-do-cerrado/4775-carta-do-i-encontro-nacional-das-mulheres-cerrado>. Acessado em 20 de agosto de 2020.

estamos construindo”.⁵ É inspirada na força das mulheres e no engajamento da juventude que a Campanha se mantém de pés firmes nos chãos do Cerrado.



Figura 1. 1º Encontro Nacional das Juventudes do Cerrado.
Crédito da imagem: Welligton Douglas - CPT Mato Grosso (2018).

No seu caminhar, a Campanha foi percebendo que a Água era o elemento aglutinador das forças nas ações de defesa do Cerrado. Pois, como diz Davi Krahô, “a gente se preocupa muito com a questão dos rios, da água, porque a gente sabe a primeira coisa é que água é vida. Nós, indígenas, não só nós indígenas. Nós, o ribeirinho, o quilombola, o próprio homem branco, ele precisa da água de uma forma geral”. Davi Krahô articula em seu depoimento uma visão comum entre os povos e comunidades tradicionais do Cerrado, no qual afirma que não é possível a existência de vidas onde não há água. E a partir desses saberes que brotam dos territórios, a Campanha entendeu que “fortalecer as lutas pela água é defender a vida nos territórios”.

Com esse entendimento foi construído o mote da Campanha: “Cerrado, Berço das Águas: Sem Cerrado, Sem Água, Sem Vida”. Além de mote, essa é a concepção de defesa do Cerrado, na qual se afirma que as águas do Cerrado só existem porque há os cerrados

⁵ Carta do I Encontro da Juventude do Cerrado, realizado em outubro de 2018, em Hidrolândia-GO: Disponível em: https://semcerrado.org.br/povos_doc_errado/carta-do-i-encontro-nacional-das-juventudes-do-cerrado/. Acessado em 24 de agosto de 2020.

em pé, e isso só tem sido possível porque existem as guardiãs e os guardiões - povos que zelam pela conservação do patrimônio ecológico, social e cultural. Por isso, a Campanha defende que é preciso garantir a conservação da biodiversidade e os direitos dos povos e das comunidades tradicionais à terra e aos territórios, às águas e à soberania alimentar, e se posiciona contra os projetos de morte que invadem os territórios por meio das políticas do Estado brasileiro e das políticas privadas das empresas transnacionais.

Ao longo dos quatro anos de existência da Campanha, comunidades, organizações e pesquisadores têm se aproximado e contribuído, enriquecendo a prosa de troca de saberes, ampliando olhares sobre o Cerrado para além de um bioma. Com essas reflexões, passou-se a construir uma narrativa de defesa do Cerrado no plural, “os cerrados”, como defendido por Ab’Saber e Porto-Gonçalves:

O fato de os Cerrados terem essa megabiodiversidade não deveria surpreender, se para caracterizar a região partíssemos dela própria e, sobretudo, da enorme diversidade de seus povos e culturas. Para isso, queremos aqui aportar ao debate científico uma leitura própria dos Cerrados que nos foi possível obter pela pesquisa feita entre 2002 e 2006 junto à Articulação dos Povos dos Cerrados e que nos colocou diante de um vasto conhecimento tecido por várias gerações à escala dos nichos, onde se dá a reprodução metabólica de vários grupos/classes sociais, etnias e povos. Há, aqui, várias questões de ordem epistêmica e política e, conseqüentemente, com importantes efeitos na compreensão do debate acerca dos Cerrados, inclusive quanto à sua extensão territorial. Diga-se, de passagem, que o debate acerca dos Cerrados quase sempre se apoia no conceito de bioma que, por sua vez, implica grandes extensões territoriais e, aqui, o que propomos junto com esses grupos/classes sociais, etnias e povos é uma leitura que se inspira nos nichos onde se dá a reprodução cultural desses grupos que amplia o conhecimento dos cerrados para além da leitura que se faz a partir da escala dos biomas. Isso nos remete a um diálogo com o conhecimento científico convencional em outra escala espaço-temporal, enfim, com uma perspectiva de um tempo de larga duração, ao tempo da última glaciação Würm, entre 13.000 e 18.000 anos antes do presente. (AB’SABER, 1977, apud. PORTO-GONÇALVES, 2019, p. 19).

Esse olhar mais complexo e político acerca dos cerrados se faz necessário para maior compreensão e proteção das riquezas culturais, hidrológica e biológicas manejadas pelos povos e comunidades tradicionais que convivem com biodiversidades específicas encontradas somente nessas áreas de transição, conforme representação na figura 1 (página seguinte).

Por ocupar a região central do país, os cerrados se estende de forma contínua pelos estados de Goiás, Tocantins e o Distrito Federal, e parte dos estados da Bahia, Piauí, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rondônia e São Paulo e, ainda, em áreas disjuntas nos estados do Amapá, Pará e Roraima, e ao sul, no Paraná.

A vasta riqueza biológica dos cerrados se deve à sua privilegiada posição central no território brasileiro, em conexão com quatro outros biomas: Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica e Pantanal. Suas áreas de transição estão na Floresta Amazônica, a Mata Atlântica, a Floresta de Araucária, nas áreas alagadas do Pantanal, nas Várzeas do Araguaia e nas Matas dos Cocais do Maranhão, Piauí e Tocantins. Ao considerar essas áreas de transição, não reconhecidas pelo IBGE (2004), mas tendo por base os estudos de Mazzetto (2016, *apud*. PORTO-GONÇALVES, 2019), os cerrados passam a ocupar uma área de extensão de 315 milhões de hectares, correspondendo a cerca de 36% do território brasileiro.

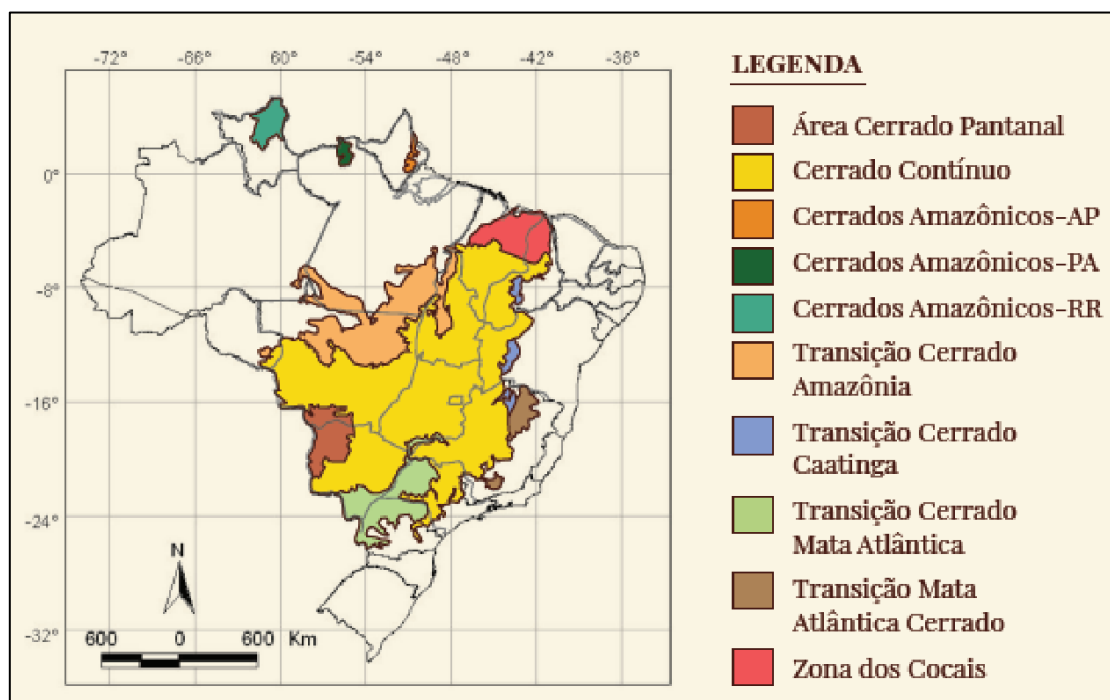


Figura 1 Cerrado contínuo e suas áreas de transição.

Fonte: Arruda, 2001. Elaboração LEMTO-UFF (*apud*, PORTO-GONÇALVES, 2019, p. 18).

Assim, os cerrados são reconhecidos como a Savana que representa 5% da biodiversidade do planeta terra. E no Cerrado é onde se encontra um terço da biota do país, diversas tipologias vegetais presentes em quatorze fitofisionomias e ecossistemas distintos. É reconhecido pelos seus povos como Lavrado em Roraima, Pampas no Uruguai e na Argentina, e atravessa as fronteiras do Brasil como *Chaco e Chiquitania* na Bolívia e no Paraguai, *Ilanos* na Colômbia e no Equador e Savanas em parte da África, da Ásia e da Austrália.

Na sua vasta dimensão, os cerrados acolhe três importantes aquíferos: Bambiú, Urucuaia e Guarani, que abastecem com água, de forma generosa, boa parte do Brasil e também o Paraguai, Uruguai e a Argentina. Seus rios, riachos e córregos formam e

abastecem as principais bacias hidrográficas do continente Sul-Americano: o Rio São Francisco, que nasce na Serra da Canastra, Minas Gerais; Rio Araguaia, na Serra de Caiapó, Goiás, sendo este o principal afluente do Rio Tocantins, que nasce na Serra de Pireneus, Goiás. O manancial do Parnaíba está na Serra da Tabatinga, Tocantins, e na área de transição Cerrado-Amazônia nascem importantes rios e córregos que abastecem as bacias dos rios Tapajós e Xingu, formadores da bacia Amazônica. Além disso, destaca-se um fenômeno curioso das “águas emendadas”, uma área protegida do Distrito Federal e onde se situam nascentes que drenam para duas importantes bacias hidrográficas brasileiras: ao norte, a bacia do Tocantins e, ao sul, a bacia do Paraná-Prata. (CEPF, 2017).

Esse potencial hídrico dos cerrados é fundamental para garantir equilíbrio dos seus ecossistemas. Pois, com duas estações bem definidas, uma seca e outra chuvosa, os cerrados passam por um longo período de estiagem, com clima seco e quente. Essa característica savânica faz com que as árvores desenvolvam sistemas de raízes extremamente profundas e ramificadas que alcançam as fontes de águas. Por isso, mesmo no período de estiagem, é possível encontrar árvores cheias de folhas e em plena safra, como o pequi, a sucupira, o cajuí e tantas outras.

Segundo Barbosa (2011), dois terços da vegetação nativa dos cerrados ficam debaixo da terra – como se fosse uma floresta invertida: quando há excesso de água, as raízes agem como esponjas encharcadas, vertendo o líquido não absorvido para lençóis freáticos, e dos lençóis freáticos a água passa para os aquíferos. Esse fenômeno acontece principalmente nas chapadas, paisagem típica – áreas de recargas das águas que chegam aos subterrâneos.

Por toda essa vasta dimensão e riquezas que se encontram sob ameaça, a Campanha vem mobilizando forças com os povos e as comunidades tradicionais das águas, campos e florestas, organizações e pesquisadores de diversos estados brasileiros e países da América Latina.

As guardiãs e os guardiões dos cerrados

Nos cerrados encontra-se uma diversidade de povos e comunidades tradicionais, sendo mais de 80 etnias de povos indígenas, entre elas os Xavantes, Krahôs, Xerentes, Xakriabás, Karajás, Avá-Canoeiros, Apinajés, Guarani Kaiowá e Gamellas; e as comunidades de Fundo e Fecho de Pasto, Apanhadoras de Flores Sempre Viva, Geraizeiros, Camponeses Tradicionais, Quebradeiras de Coco Babaçu, Pescadores

Artesanais, Quilombolas e tantas outras categorias de povos que vivem seus modos próprios de convivência com a biodiversidade do Cerrado.

As comunidades tradicionais, apesar de invisibilizadas no contexto político brasileiro, ocupam o Cerrado com as mais diversas formas de territorialização das chapadas e baixões, vales e vãos, com vivências com os campos e com as águas. As relações econômicas e culturais estabelecidas por meio do extrativismo das palmeiras do babaçu, pequi, buriti, baru, cajuí, mangaba, murici, capim dourado, flores sempre vivas e diversas árvores, frutos e gramíneas, garantem as atividades de geração de renda e fortalecem as identidades desses povos.

Além da geração renda, as comunidades tradicionais ofertam uma diversidade de óleos, frutos e cereais de qualidade que abastecem os mercados locais, e dispõem também de uma variedade de cascas, sementes e folhas de árvores como a sucupira, imbaúba, jatobá, aroeira, ipês e outras que são utilizadas no cuidado com a saúde. Em seus modos de vidas, as comunidades cerratenses mantêm um arquivo vivo de memórias ancestrais, conhecimentos de convivência e conservação da biodiversidade do Cerrado, como bem destaca Barbosa. (2011, IHU, *on-line*):

O Cerrado exerce papel fundamental na vida das populações pré-históricas que iniciaram o povoamento das áreas interiores do continente sul-americano. Na região dos cerrados, essas populações desenvolveram importantes processos culturais que moldaram estilos de sociedades bem definidas, em que a economia de caça e coleta imprimiu modelos de organização espacial e social com características peculiares. Os processos culturais indígenas, que se seguiram a esse modelo, trouxeram pouca modificação à fisionomia sociocultural e, embora ocorresse o advento da agricultura incipiente, exercida nas manchas de solo de boa fertilidade natural existentes no domínio dos cerrados, a caça e a coleta, em particular a vegetal, ainda constituíam fatores decisivos na economia dessas sociedades.

Toda essa riqueza manejada pelas comunidades do Cerrado mostra que esse bioma é muito mais que apenas um solo arenoso, árvores tortas de troncos grossos e águas cristalinas como representado na grande maioria das literaturas usadas nas escolas. E é muito mais que áreas de chapadas planas com chuvas bem distribuídas, consideradas de potencial para a expansão da produção de grãos, como representado no discurso do Estado brasileiro⁶ e na visão dos grandes investidores do agronegócio.

⁶ Veja a entrevista da ministra Tereza Cristina ao Jornal Estadão durante o lançamento do plano safra, em 05 de maio de 2020. Disponível em: https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/07/05/o-agronegocio-nao-precisa-da-amazonia-diz-ministra-da-agricultura.htm?fbclid=IwAR2SQTvrMsB2x1zhe6cXzPQcViz_4ReF8EyrRzK5rvmEW5v0jS76a8S7uJM. Acessado em: 10 de agosto de 2020.

O Cerrado não é somente um bioma que se tornou valioso aos olhos gananciosos do agronegócio. Os cerrados representam um território de vida, um mosaico de culturas e modos de vidas marcados por lutas históricas de (re)existências pela permanência nas terras e territórios. Os povos e comunidades tradicionais dos cerrados cultivam um universo místico e simbólico de religiosidades, saberes e fazeres coletivos que estão presentes nas memórias, nos jeitos de se organizarem e nas representações sociais, como Zumira Gamella mantém viva a memória dos ancestrais:

Aí sempre tinha essas histórias lá da lagoa, diz que sapecava as pernas, as pessoas iam, quando pensava que não, o fogo subia nas perna. Mas aí o pessoal mais velho foi morrendo e a lagoa foi morrendo. Eu acho que era os encantados. Vez em quando ainda tem, ainda. No tempo...tem uns dois anos atrás, o meu cunhado foi pescar na semana santa, aí eu saí do sol, eles tavam em cima de um pau e viu um rodeiro. Um rodeirão do outro lado da lagoa, chega brilhava esse rodeiro, eles pensava que era sucuriú, tipo uma boia. Aí foi indo, foi indo, foi indo...foi sumiu a boia, e lá não tem sucuriú mais, a gente não escuta estremecer, só tem jacaré. Aí vez em quando a gente sente alguma coisa assim na lagoa, mas só que acabou mais. Pessoal via caixão, via um boi lá dentro da lagoa. A lagoa lá é muito grande a lagoa. Chama Lagoa Feia, por isso botaram o nome Lagoa Feia. Mas ela é muito bonita, a lagoa. Que diz que essa lagoa lá foi gerada de uma roça que colocaram e na semana santa...sempre eu vejo meu avô e meus pais dizer que foi uma roça que botaram na semana santa. Teve uma pessoa que não tinha nada para comer, pediu um arroz, uma cuia de arroz, e o dono da roça, ele não deu, negou. Quando foi no sábado de aleluia, ele foi visitar a roça, não tinha mais roça, só água⁷.

Na cosmovisão dos povos tudo nos cerrados está interligado, e no dizer de Antônio Apinajé⁸ “o Cerrado é a nossa casa comum”, e Davi Krahô⁹ acrescenta: “nós dependemos do Cerrado e o Cerrado depende de nós, as empresas ligadas ao agronegócio que se expande nas chapadas ignoram as dinâmicas existentes nos cerrados”.

Por que defender o Cerrado é uma pauta urgente?

Há 40 anos o Cerrado vem sendo explorado como o celeiro do agronegócio da produção de grãos e da pecuária de corte. São projetos promovidos e financiados pelo Estado brasileiro e setor privado, que avançam transformando as chapadas em verdadeiros campos de guerra: de terras de uso comum, terra de todo mundo, terra sem cercas (PORTO-GONÇALVES; CHAGAS, 2019) - espaços sagrados da manutenção

⁷ Zulmira Gamela, do Território Indígena Gamela Vão Vico, Santa Filomena/PI. Depoimento durante o encontro dos povos do Cerrado, realizado pela Campanha Nacional em Defesa do Cerrado, nos dias 27 a 28 de novembro de 2019, em São Luís/MA

⁸ Antônio Apinajé, liderança indígena do Povo Apinajé do Tocantins. Fala durante a reunião Inter redes, realizada pela Campanha Nacional em Defesa do Cerrado, realizada em agosto de 2019.

⁹ Davi Krahô-Kanela, liderança indígena do Povo Krahô-Kanela do Tocantins. Fala durante o encontro dos povos do Cerrado, realizado pela Campanha Nacional em Defesa do Cerrado, nos dias 27 a 28 de novembro de 2019, em São Luís/MA.

dos modos de vida dos povos, em campos de lavouras de soja, milho e pastagens, manejados com a força das máquinas de alta tecnologia e uso intensivo de agrotóxicos.

Esse modelo de produção do agronegócio que invadiu as chapadas impôs uma dinâmica de destruição dos ecossistemas e violências e sofrimento às comunidades cerratenses. Nessas quatro décadas de exploração intensiva dos cerrados, o agronegócio e a pecuária já consumiram, juntos, mais de 50% da vegetação nativa contínua do bioma. Assim, alerta Barbosa (2011, IHU *on-line*):

O potencial agrícola que os cerrados demonstram, associado ao fato de ser uma das últimas reservas da terra capaz de suportar, de modo imediato, a produção de cereais, a formação de pastagens e o desenvolvimento das técnicas modernas de cultivo, tem atraído recentemente grandes investimentos e criado modificações significativas, do ponto de vista da infraestrutura de suporte. O fato da não existência de uma política global para a agricultura tem provocado o êxodo rural e o crescimento desordenado dos núcleos urbanos. Todos esses fatores, em seu conjunto, têm provocado situações nocivas ao meio ambiente natural e social.

E apesar do crescimento do reconhecimento social e científico da importância biológica – que abriga 30% da flora ameaçada do Brasil e metade dos répteis com 180 espécies, sendo 17% exclusivas desse ecossistema e importância hidrológica – sendo o berço das águas, os pai das águas e a cumieira da América Latina, o Cerrado é o bioma que possui a menor porcentagem de áreas sobre proteção integral. Sendo protegido por unidades de conservação apenas 8,21% de seu território.

A invisibilidade e a falta de proteção ambiental do bioma Cerrado por parte do Estado brasileiro é proposital, faz parte do projeto do capital nacional e internacional. Pois, quanto menos protegido legalmente, mais propício à exploração pelos grandes produtores de grãos e transnacionais da mineração. Dito isto, fica explicado o porquê o Congresso brasileiro durante 20 anos não colocou em votação o Projeto de Emenda Constitucional (PEC 510/2009), que propõe o reconhecimento dos biomas Cerrado e Caatinga como Patrimônio Nacional.

Somando à falta de proteção ambiental está a grilagem das terras públicas dos cerrados, que revela como mais uma das dimensões do problema fundiário da região. A falta de demarcação das Terras Indígenas, de reconhecimento e titulação das comunidades tradicionais e a desqualificação da reforma agrária, só tem contribuído para aumentar a pressão sobre os territórios dos povos e aumentando conseqüentemente dos conflitos e violência no campo, como relatado por Zumira Gamella:

Estava nós sendo expulso de lá. Eles quietaram, aí gente bora pra justiça. Nós procura advogado, aí nos procura, pois nós tava no sufoco. Aí ele (primo de

Zumira) foi e procurou o advogado. Já a empresa já tinha processado, já tinha jogado um processo em nós, que nós era o grileiro da terra! Nós tava grilando a terra, a terra era deles. E nós, com advogado, jogamos outro neles. Aí nesse processo (no processo movido pelos grileiros) nós tamo como réu. Como eu lá chorando e dizendo, “nós que somos filho da terra nascido e criado lá samo réu?! Vem um lá de fora pega nossa terra e diz que é dono e são poderosos”.

O problema central questionado e discutido no conjunto da Campanha é o caráter predatório desse modelo que tem se tornado predominante, que ameaça a própria existência dos cerrados. Trata-se do modelo neocolonial de ocupação, que ao mesmo tempo é predador do patrimônio natural e da biodiversidade, espoliador das terras, culturas, saberes dos povos e populações tradicionais. Concentra a terra, tornando-a em mercadoria, viola os direitos da natureza e os direitos humanos.

Por tudo isso, o papel da Campanha é contribuir para fazer ecoar mais forte a voz dos povos e comunidades tradicionais. Nesse sentido, em 2019 foi protocolado no Congresso brasileiro a Petição com 570 mil assinaturas reivindicando que o Cerrado e a Caatinga sejam reconhecidos como Patrimônios Nacionais. Essa é uma ação que durou anos e mobilizou mais de meio milhão de pessoas ligadas a movimentos sociais, sindicatos, ambientalistas, universidades, pesquisadores, entidades de direitos humanos a gritarem: “O Cerrado é vida, é fonte de sabedoria e riqueza, é o nosso patrimônio”. E Zumira Gamella lembra bem como é o caminhar da Campanha junto aos povos:

Nós tivemos encontro também em balsa. Mês de outubro, com eles fez esse encontro, com caravana...não, uma romaria! “Do cerrado, sem água, sem vida”...como é?...“Sem cerrado, sem água, sem vida”. Nós viemos pra essa romaria de balsas. E tava todos os indígenas daqui do Maranhão. De Viana. Lá nós tivemos o reconhecimento mais e vimos pessoalmente eles. Aí eles confirmaram. “Vocês são índios, são nossos parentes”. Nós contemos nossas histórias para eles. Ele disse: “pois é, vocês são nosso parentes!”. Daí veio a FUNAI, veio a universidade federal, veio o MPF... aí como o processo andou pra frente. Aí o advogado foi ficando de lado.

A Campanha acolhe os clamores dos povos e comunidades tradicionais e se soma na construção de narrativas que contrapõe aos discursos e projetos de morte que avançam sob as chapadas. Não reconhece o agronegócio como um modelo de produção a ser seguido e repudia as políticas e programas públicos e privados, como o Matopiba. O Matopiba foi criado através do Decreto nº 8.447 de 05 de maio de 2015, que dispõe sobre o Plano de Desenvolvimento Agropecuário que abrange uma região de cerca de 73 milhões de hectares de cerrados, dentro dos limites dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, por isso, o acrônimo. E tem se configurado como uma região estratégica do agronegócio para a produção de soja, milho e algodão, defendida por

governos e empresas como uma versão moderna do setor agropecuário. Mas na realidade não passa de novas roupagens para as velhas facetas arcaicas do setor, controlado pela União Democrática Ruralista (UDR), que cresce nos cerrados espoliando, desagregando e encurralando as populações tradicionais.

Comunicação da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado

O cenário das forças midiáticas onde se insere a Campanha em Defesa do Cerrado não apresenta condições favoráveis à sua atuação, repercussão ou mesmo perpetuação. Na prática, em termos de disparidades de correlação de forças entre os diversos atores sociais envolvidos, a conjuntura comunicacional brasileira não é muito diferente da conjuntura socioeconômica ou mesmo da situação dos conflitos socioambientais do país, pois apresenta desigualdades econômicas abissais, monopólio dos meios de comunicação de massa e uma ‘monocultura’ de narrativas no que diz respeito às pautas do segmento socioambiental e das causas dos povos da terra, das águas e das florestas.

De acordo com o Relatório “Direito à Comunicação 2017”, produzido e publicado pelo Intervezes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, podemos associar a falta de pluralidade de vozes e baixa diversidade de pautas dos Povos e Comunidades Tradicionais do Cerrado nos grandes veículos de comunicação com a “alta concentração de propriedade no mercado da comunicação”. (INTERVOZES, 2018. p. 66).

Ainda segundo o Relatório da organização, essa alta concentração da propriedade das concessões públicas das empresas brasileiras de telecomunicações está quase sempre conectada com a prática da “propriedade cruzada”, que se apresenta como uma:

[...] dimensão central da concentração na mídia brasileira”, sendo naturalizada pelo sistema de comunicação de massa nacional. O caso do grupo Globo, com seu conglomerado de emissoras de rádio e TVs aberta e fechada, jornais, revistas e sites, é o mais conhecido, mas o modelo se reproduz também entre outros grupos. (INTERVOZES, 2018. p. 67).

A campanha de comunicação da TV Globo, por exemplo, intitulada “O Agro é Pop, O Agro é Tech, O Agro é Tudo”, é um exemplo claro da ‘monocultura’ midiática, que, em rede nacional, promove incessantemente um único modelo de agricultura, e apaga e se apropria culturalmente dos modos de vida e de produção dos povos e comunidades do campo, das águas e das florestas. Sendo assim, constata-se que nos encontramos em um cenário de falta de democracia na comunicação brasileira, uma vez que tais práticas ferem a legislação nacional, que conta com dispositivos e leis para regulamentação e

coibição de práticas que ameaçam o direito à comunicação e à liberdade de expressão da sociedade.

A comunicação social brasileira está amparada numa série de regras legais, uma delas a Constituição federal de 1988, que possui capítulo específico sobre o tema. As principais leis que regulam o setor, no entanto, são o Código Brasileiro de Telecomunicações (CBT) e o Regulamento dos Serviços de Radiodifusão (Decreto nº 52.795/1963), quando se trata de radiodifusão, e a Lei Geral de Telecomunicações (Lei nº 9.472/1997), que regulamenta os serviços de telefonia e conexão à internet e o Marco Civil da Internet (Lei nº 12.965/2014), que garante direitos aos usuários digitais. (INTERVOZES, 2018. p. 68).

Jesús Martín-Barbero nos ajuda a compreender esse fenômeno do cenário da mídia hegemônica, concentrada e globalizada não só no Brasil, mas na América Latina, explicando que esses padrões e práticas de monopólio, não só dos meios, mas também das narrativas, tem impacto direto na cultura de uma sociedade:

O que os processos e práticas da comunicação coletiva põem em jogo não são unicamente os deslocamentos do capital e as inovações tecnológicas, mas sim profundas transformações na cultura cotidiana das maiorias: nos modos de se estar junto e tecer laços sociais, nas identidades que plasmam tais mudanças e nos discursos que socialmente os expressam e legitimam. (MARTÍN-BARBERO, 2012. p. 63).

Nesse sentido, percebe-se também a dimensão sociocultural do cenário onde se insere a Campanha em Defesa do Cerrado e relação de suas ações com a disputa de narrativas, discursos e do próprio imaginário social da sociedade brasileira.

Hoje, com o advento das redes sociais de internet e Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) cada vez mais acessíveis à população brasileira e mundial, a prática da produção de informação e conteúdo torna-se, a cada ano, parte do cotidiano da população brasileira, seja nas comunidades rurais e urbanas, municípios, bairros, ou mesmo nas ruas. A informação instantânea, muitas vezes ao vivo, pode ser transmitida ao mundo dos próprios lugares onde os fatos ocorreram em questão de segundos. É evidente que essa realidade de acesso às tecnologias e à internet ainda é distante para inúmeras pessoas, principalmente no campo brasileiro e nas periferias dos grandes centros urbanos, por questões estruturais relacionadas à falta de políticas públicas¹⁰.

Todavia, na contramão desse cenário, surgem no Brasil expressões, iniciativas e projetos de comunicação popular e independentes dos grandes conglomerados da Mídia

¹⁰ Veja a pesquisa desenvolvida sobre a situação das comunidades do Cerrado: http://semcerrado.org.br/wp-content/uploads/2020/08/An%C3%A1lise_da_situa%C3%A7%C3%A3o_das_comunidades_do_Cerrado_31julho.pdf.

Tradicional. Em artigo publicado no Observatório da Imprensa, intitulado “Coletivos de Comunicação estão mudando a forma de produzir conteúdo”, o jornalista Paulo Roberto Jr (2015, *on-line*) aborda algumas problemáticas que levam grupos a criarem coletivos ou redes de comunicação:

A necessidade de uma informação mais personalizada, regional, somada à descrença na imprensa tradicional, propiciou o surgimento de grupos colaborativos, horizontalizando o processo comunicacional. Entre os anos de 2013 e 2014, o Observatório de Favelas – uma organização da sociedade civil de interesse público (Oscip) – identificou 118 coletivos populares de comunicação na Região Metropolitana do Rio. Eles se dividem em páginas nas redes sociais, sites, blogs, jornais, revistas, rádios, TVs, Web-TVs, Web-Rádios e boletins eletrônicos. Apesar de desempenharem, sobretudo, um papel de divulgadores de uma realidade local (em grande parte favelas e bairros de classe média baixa), alguns coletivos também produzem conteúdos de abrangência nacional, por meio de material compartilhado.

É nesse cenário de complexidades e desafios socioculturais e econômicos que se inicia a reflexão sobre a necessidade da criação e consolidação de um trabalho de comunicação que esteja a serviço dos povos e comunidades tradicionais cerratenses integrado ao trabalho da Campanha em Defesa do Cerrado, balizado pelos valores da escuta, do protagonismo das pessoas que vivem nos territórios do bioma e da comunicação popular e contra hegemônica.

Em dezembro de 2015, pouco antes da Campanha ser lançada oficialmente, comunicadores e comunicadoras populares, durante o 1º Encontro de Povos e Comunidades Impactados pelo Matopiba, em Araguaína, no Tocantins, decidiram, em janeiro de 2016 realizar a primeira reunião do que seria o Coletivo de Comunicação da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado, no qual cerca de 20 profissionais de comunicação e comunicadores populares doaram tempo e conhecimento para a iniciativa, além de desenvolverem estratégias e materiais para a Campanha.



Figura 2: Integrantes da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado, reunião da coordenação ampliada em Brasília.

Fonte: Coletivo de comunicação da CPT (2017)

Outro fator que nos ajuda a compreender a importância do olhar da Campanha para a comunicação é o fato de que três dos quatro objetivos gerais da iniciativa são voltados para essa área. Membro fundador do Coletivo de Comunicação do Cerrado, Rafael Oliveira descreve, após anos de contribuição com esse grupo, sua percepção sobre essa rede popular de comunicação:

Reunir comunicadores e comunicadoras populares, de forma voluntária, por si só, já era um primeiro desafio a ser encarado nos primeiros passos do Coletivo e da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado. Não pela falta de pessoas capazes, mas pelo contexto de grandes demandas já acumuladas por essas personagens em seus territórios de atuação. Mas, desde o início, a proposta de trabalho se mostrou muito rica, verdadeira e necessária. Ter a clareza de que a comunicação popular poderia estar a serviço de visibilizar e potencializar as vozes dos povos do Cerrado, na construção de vida digna e denúncia de violências, particularmente, tornou a missão prazerosa e instigante. Houve - e ainda há - muita beleza em trabalhar a partir da demanda das comunidades e com isso poder mostrar à sociedade os clamores, anseios e diversidade de vida desses povos¹¹.

Eanes Silva, de Balsas, Maranhão, radialista e integrante do Coletivo, destaca que essa rede de comunicadores tem sido importante para pautar os conflitos agrários na região sul do estado:

¹¹ Entrevista à Assessoria de Comunicação da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado em 24 de agosto de 2020.

É uma grande oportunidade de dar mais visibilidade aos conflitos que temos aqui na região sul do Maranhão, localidade de transição da Amazônia com o Cerrado. E é também uma forma de mostrarmos as nossas riquezas culturais e a biodiversidade que temos no Cerrado, que muitas das vezes é desconhecida por uma boa parte da sociedade, que se interessa mais pela Amazônia, muitas das vezes por não ter conhecimento da importância que o Cerrado tem, não só para o Brasil, mas para o mundo¹².

A radialista ainda traz um elemento importante para o debate: a confiança e a crença das pessoas na comunicação e em comunicadores, o que possibilita um trabalho de qualidade e uma relação de confiança, “nos devolvendo a esperança de que a nossa voz pode sim ecoar mais longe”.

Outra característica do trabalho de comunicação da Campanha é associar e aproximar comunicadores populares dos territórios do Cerrado. Leandro Santos, agricultor e quilombola da Comunidade Cocalinho, do município de Parnarama, no Maranhão, é uma dessas pessoas. Para o quilombola, “fazer parte da comunicação da Campanha é um fator motivador para o cotidiano das lutas”.

A comunicação em defesa do Cerrado é bastante radical e alimentadora para mim. É uma comunicação que busca mostrar nossos modos de vida, experiências e riquezas para o mundo capitalista que sempre nos agride. Eu como comunicador popular da Campanha estou sempre registrando e filmando os modos de vida dentro da minha Comunidade, buscando ajudar a comunicação de alguma forma¹³.

A experiência de Leandro também mostra que a atuação da comunicação da Campanha busca aumentar a representatividade e participação dos povos e comunidades tradicionais nas atividades e produtos midiáticos. A presença dele e de outros agentes dos territórios ainda não supera, em números, a quantidade de comunicadores do Coletivo que não vivem em comunidades rurais, mas aponta para um horizonte de transformação desse cenário, que é perseguido pela iniciativa.

Me sinto representado pela comunicação da Campanha em Defesa do Cerrado. Ao fotografar, cuidar das plantas, dos animais, das raízes e das águas me apaixono cada vez mais pelo Cerrado. Eu acho que é uma comunicação que ajuda muito as comunidades quilombolas e tradicionais que vivem nesse bioma porque estão sempre compartilhando nossas vivências, nossas memórias, nossas organizações das mulheres, dos homens, dos jovens, e sempre falando sobre a defesa do Cerrado¹⁴.

¹² Entrevista à Assessoria de Comunicação da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado em 25 de agosto de 2020.

¹³ Entrevista à Assessoria de Comunicação da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado em 15 de agosto de 2020.

¹⁴ Entrevista à Assessoria de Comunicação da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado em 15 de agosto de 2020.

Após mais de três anos de atuação e inúmeras ações e produtos de comunicação desenvolvidos, certamente a maior riqueza do trabalho de comunicação da Campanha é o acúmulo de aprendizados junto às entidades que compõem a iniciativa e aos povos e comunidades tradicionais dos territórios dos cerrados. Para Bianca Pyl, integrante do Coletivo, o maior diferencial do trabalho desenvolvido é a capacidade de manter constantemente “os pés no chão das comunidades”.

Não é a toa que a marca [logotipo] da Campanha faz tanto sucesso e estampa tantas camisetas, cartazes e materiais impressos em Comunidades de diversos estados e municípios onde o bioma está presente. Há uma identificação muito grande por parte das pessoas que estão nas trincheiras porque elas de fato são também construtoras desse processo. Foram envolvidas desde o início da criação e consolidação da Campanha¹⁵.

A jornalista nos ajuda a compreender que o poder de engajamento e difusão das ações de comunicação da Campanha está diretamente atrelado ao seu processo participativo de condução junto às Comunidades desde sua gênese.

Para além dos pés no chão do território, vale destacar que a Campanha também busca dialogar com públicos dos centros urbanos e, para tal, está constantemente atualizando sua estratégia de comunicação para incorporar a produção de materiais e realização de ações que estejam na vanguarda da comunicação global, sem abrir mão de seus valores políticos e humanitários fundantes. *Memes*, vídeo-reportagens, mini-documentários, ilustrações, infográficos, artigos, transmissões virtuais e até livros publicados fazem parte do portfólio de ações da Campanha em Defesa do Cerrado.

Considerações finais

O lugar que o Cerrado ocupa nos projetos do capital nacional e internacional, sendo tratado como um espaço geográfico de terras e águas de negócio, de acordo com os estudos e depoimentos aqui destacados, apresenta-se como um grande desafio para os povos e comunidades tradicionais que têm os cerrados como territórios de vida. E para a Campanha Nacional em Defesa do Cerrado isso mostra a urgência da construção de narrativas que contraponham o discurso capitalista e “furem a bolha” da mídia hegemônica, imprimindo uma visão de Cerrado para a população do campo e da cidade, de maior valorização da agricultura camponesa e a relação dos diversos povos cerratenses com a biodiversidade do Cerrado.

¹⁵ Entrevista à Assessoria de Comunicação da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado em 18 de agosto de 2020.

A experiência da Campanha em investir e apoiar ações coletivas e populares de comunicação aponta um caminho para suprir e transpor problemáticas históricas, como a democratização dessa área, a multiplicidade de vozes e de produtores de comunicação, entendendo que os povos e comunidades tradicionais podem produzir e/ou fazer parte da comunicação. Soma-se a isso, então, o engajamento social de pessoas que acreditam em uma comunicação popular e que é possível disputar narrativas, como a da campanha do agronegócio veiculada pela Rede Globo.

A Campanha tem várias dimensões, atua com inúmeras identidades de povos, somente no Cerrado são mais de 80 etnias indígenas, diversas culturas e modos de vida, além de toda a riqueza de fauna e flora. Tudo isso mostra que o “comunicar sobre o Cerrado” possui um enorme potencial, ao mesmo tempo que também nos impõe desafios. A Campanha, diferente de outras iniciativas voltadas para o Cerrado e para demais biomas, se diferencia por “seu pé fincado nos territórios”, a partir da presença das entidades que a integram e da escuta que oferece as populações cerratenses, na luta do povo e das comunidades, e por defender os cerrados com povos que vivem, convivem e resistem com o bioma.

Campaña Nacional en Defensa del Cerrado: una experiencia que brota del suelo y de las aguas de los sertões

Resumen: Este artículo se trata de un relato de experiencia acerca del trabajo de la Campaña Nacional en Defensa del Cerrado formada por más de 40 organizaciones sociales y ha actuado junto a comunidades tradicionales de más de nueve estados brasileños. El objetivo del texto es presentar la campaña y sus acciones de promoción en defensa de la biodiversidad del Cerrado. Para relatar esa experiencia fueron realizados levantamientos de informaciones en las memorias de los encuentros de la campaña, en los testimonios de los liderazgos de comunidades y en las bibliografías pertinentes a la temática. En ese diálogo sobre la campaña se evidencia que el desafío de la protección del territorio de los cerrados es tan grande como su propia extensión territorial y de riquezas. Que la conservación del Cerrado solo es posible con la garantía de los derechos de los pueblos y comunidades tradicionales a los territorios, las aguas y a la soberanía alimentaria. Finalmente, queda en evidencia que los pueblos están en constante lucha por la defensa del Cerrado y cuentan con la fuerza de las mujeres y el coraje y osadía de la juventud.

Palabras clave: Territorios. Pueblos y Comunidades Tradicionales. Cerrado

National Campaign for Cerrado Defense: an Experience that Emerges from Backlands Soil and Water

Abstract: This article is about an experience report of the work of the National Campaign for Cerrado Defense formed by more than 40 social organizations and it performed together with traditional communities of more than nine Brazilian States. The objective of this text is to present the campaign and its promotion actions for Cerrado biodiversity defense. To report that experience, there were made some information settings in the memories of the campaign encounters, in the leadership communities'

testimonials, and in the bibliographies related to the topic. In the dialogue about the campaign is evident that the challenge to protect cerrados territories is as bigger as its own territorial extension and wealth. The preservation of Cerrado is just possible with the guarantee of people's rights and traditional communities to the territories, water, and food sovereignty. Finally, it is evident that people are in a constant struggle for Cerrado defense and count on women's force and youth courage and audacity.

Keywords: Territories. Traditional People and Communities. Cerrado

Referências

BARBOSA, Altair Sales. **Cerrado, dor fantasma da biodiversidade brasileira**. Revista do Instituto Humanitas da Unisinos. Edição 382, de 28 de novembro de 2011. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4232-altair-sales-barbosa>. Acessado em 10 de agosto de 2020.

CRITICAL ECOSYSTEM PARTNERSHIP FUND (CEPF). **Perfil do ecossistema hotspot de biodiversidade do Cerrado**. 2017. Disponível em: <https://www.cepf.net/sites/default/files/cerrado-ecosystem-profile-pr-updated.pdf>. Acessado em 10 de agosto de 2020.

INTERVOZES – Coletivo Brasil de Comunicação Social. **Relatório Direito à Comunicação no Brasil 2017**. São Paulo, 2018.

JUNIOR, Paulo Roberto. **Coletivos de comunicação estão mudando a forma de produzir conteúdo**. Observatório da Imprensa. Edição 864, de 18 de agosto de 2015. <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornalismo-na-internet/coletivos-de-comunicacao-estao-mudando-a-forma-de-produzir-conteudo/>. Acessado em 19 de agosto de 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Globalização comunicacional e transformação cultural. Por uma outra comunicação**. Dênis de Moraes (org.) – 6ª ed. – Rio de Janeiro : Record. 2012.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Dos Cerrados e de sua riqueza, de saberes vernaculares e de conhecimento científico**. Organização de Diana Aguiar e Valéria Pereira Santos. Publicação: FASE e CPT, 2019.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter; CHAGAS, Samuel Brito das. **Os pivôs da discórdia e a digna raiva, uma análise dos conflitos por terra, água e território em Correntina-BA**. Editora Hernandes Reis. Bom Jesus da Lapa/BA, 2019.

Sobre os autores

Bruno Santiago Alface - Graduado em Comunicação Social. Especialista em Mídia, Informação e Cultura pelo Centro de Estudos Latino-americanos de Cultura e Comunicação (CELACC) da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Assessor de Comunicação da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado.

Elvis Marques - Jornalista, especialista em Assessoria de Imprensa na Comunicação Digital. Assessor de Comunicação da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado.

Isolete Wichinieski - Economista, graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás e Coordenadora Nacional da Comissão Pastoral da Terra

Recebido para publicação em junho de 2020

Aceito para publicação em setembro de 2020